

**ACADEMIA DAS BELLAS ARTES.****Exposição publica do anno de 1849.**

Em 12 de Agosto de 1816, o Sr. D. João VI assignou o Decreto, que lhe apresentou o conde da Barca, para a fundação da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro; dez annos depois, no dia 5 de Novembro de 1826, o visconde de S. Leopoldo abrio as portas d'aquelle estabelecimento á mocidade: o Fundador do Império e a santa Imperatriz ennobrecerão com suas presenças essa inauguração solene, que foi saudada pelo padre Raphael Soyé, secretario da casa: e tambem foi pela ultima vez que os Brasileiros virão em publico aquella princeza, cujas luzes e caridade tanto esplendor derramáram no throno brasileiro.

Abrio-se a Academia, mas debaixo de sinistras apreheções: a colonia artistica, que viera da França, tinha perdido M.<sup>r</sup> Lebreton, seu director, e ganhado no espaço de dez annos de espera o natural torpôr que causão sempre todos os addiamentos e delongas para a realisação de um pensamento. A morte do conde da Barca deixou em orfandade aquelles artistas, que vierão para a America com nobilissimas intenções, pois quasi todos tinhão já um nome no seu paiz natal, e em nada se mostravão aventureiros.

Para fazer umas figuras de barro para o Paço de S. Christovão se mandou buscar ao Porto um escultor por nome João Joaquim Alão; e para illustrar com desenhos as traduções de Targini, veio de Lisboa um pintor chamado Henrique José da Silva.

O escultor, que ouvira algumas lições de Vieira Portuense, não era destituído de talento, mas faltavão-lhe certos conhecimentos estheticos, proprios para o ensino cathedratico; era bom homem, e tinha optimos desejos; porém o pintor, que o não alcançava como artista, era homem mais habil no manejo da vida, e conhecia as mólas secretas da maquina governamental para por ellas subir e galgar todos os favores imaginaveis.

A estes doulos homens se veio unir um marceneiro, chamado Cavroé, que debaixo do titulo de architecto, foi aqui bem recebido e nomeado architecto da cidade. A formação deste triumvirato singular, levantou uma barreira á consumação da Academia artistica: o pintor e o novo architecto, altamente protegidos, procurarão fazer tudo o que é possivel para destruir não só aquelle pensamento, como abalar a reputação dos mestres que viérão para tão nobre missão.

Nomeado Henrique José da Silva director da nova Academia, os professores franceses se ressentirão de um tão injusto proceder: havia na colonia trez homens de um merito superior: M.<sup>r</sup> Debret, pintor historico, discípulo de David, M.<sup>r</sup> Taunay, pintor de batalhas e paisagens, e M.<sup>r</sup> Grandjean, architecto, discípulo de Percier e Fontaine. M.<sup>r</sup> Taunay era já membro do Instituto Real de França, e os seus dous collegas em breve o serião se tivessem ficado na Europa.

Estes trez varões, que possuão bens da fortuna, e que erão homens de uma reputação firmada, forão despresados pelo governo de então, para a direcção da Academia que vierão fundar, e preteridos por Henrique, cujo talento lhes era muito inferior. M.<sup>r</sup> Taunay, se retirou; Debret ficou para desenhar e escrever a sua viagem, e M.<sup>r</sup> Grandjean por ter gasto o que tinha em uma propriedade, que a todo o custo não poude vender como lhe convinha.

Quando em 1827 nos matriculamos na Academia das Bellas Artes, já aquella mal-fadada casa era nm cahos incomprehensivel de desordem e de odios reciprocos.

A' placida constancia de M.<sup>r</sup> Debret, á importancia que lhe grangearão seus talentos e suas virtudes se deve alguma cousa do seu progresso: nada ha mais pernicioso para um estabelecimento do que entrega-lo a um homem sem talentos, sem patriotismo, e eivado de uma vaidade infundada, que o traz n'um continuo sobresalto, e o coloca em uma posição falsa, que para a sustentar lhe é preciso todos os recursos da mentira e da astucia.

Henrique não podendo ferir os mestres, feria o ensino, entravava o seu andamento: fortemente protegido, levou aquelle estabelecimento de rastros até o anno de 1829, no fim do qual M.<sup>r</sup> Debret nos mandou, em seu nome, pedir ao Exm.<sup>o</sup> Sr. senador José Clemente Pereira a permissão de fazer uma exposição publica dos trabalhos da sua aula.

O director Henrique fez tudo o que estava a seu alcance para embaraçar este acto do governo, mas baldadas forão todas as suas tentativas.

A M.<sup>r</sup> Debret se unio M.<sup>r</sup> Grandjean, e com as obras dos dous e de seus discípulos se fez a primeira exposição publica da Academia das Bellas Artes, á qual concorrerão varias pessoas.

No seguinte anno, igualmente alcançamos do Exm.<sup>o</sup> Sr. conselheiro d'estado, Maia, o mesmo favor: o catalogo, que á sua custa mandou imprimir M.<sup>r</sup> Debret n'aquelle anno, mostra que a classe de pintura exposera cincoenta e cinco trabalhos diferentes; que a aula de paisagens doze; a de architectura cincocenta e dous, e a de escultura onze: o director, que era professor de desenho, não quiz se unir aos outros mestres, mas, forçado pelas circunstancias, abrio a sua aula e expoz tambem as suas obras e as de seus numerosos discípulos: e elle tinha razão!

Neste anno de 1849 se complectão vinte annos desde o dia da primeira exposição.

O anno de 1831 foi o que todos sabemos; e a 25 de Julho, sahio pela barra fóra M.<sup>r</sup> Debret, tendo quasi perdido 16 annos de sua vida em um paiz que o não soube aproveitar, e que desconheceu todo o alcance do seu merito, e o quanto aquelle virtuoso varão, hora da pação francesa, poderia influir para o progresso das Bel-

das Artes em um paiz, que elle amava, como um artista costuma amar a gloria perdurable.

De 1834 a 1834 a Academia viveu n'uma apparente somnolencia para o publico e para o governo, até que por morte de Henrique José da Silva teve de nomear a M.<sup>r</sup> Grandjean para director, de cujo cargo se escusou por justissimos motivos.

Passou então a nomear o actual director, que alguma cousa tem feito a favor do material do estabelecimento.

Ao Exm.<sup>o</sup> Sr. conselheiro d'estado Manoel Antônio Galvão cabe a gloria de tornar as exhibições da Academia francesas a todos os artistas da capital, mormente pela delicadeza com que o fez, ensinuando ao director que o propozesse em nome do corpo academico.

O publico fluminense já consagrou no seu calendario festivo, e no seu catalogo de novas impressões, a exposição artistica annual; e acostumado a este concurso das artes, irá pouco a pouco ganhando em conhecimentos, e preparando-se para poder avaliar qualquer trabalho d'arte, e distinguir o apparente, do real, e o falso do verdadeiro.

A exposição publica, a não ser o interesse que por ella toma o director da Academia no fim do anno, e os immensos sacrificios que faz, e que é obrigado a renovar annualmente, teria sido muito mais pobre: os artistas, levados de um não sei que, queixão-se da nimia franqueza, e da lealdade do director da casa, e o forção todos os annos a dar provas da sua candura e da sua modestia anachronica.

Desejariamos que toda esta actividade, se dirigisse, não a visar a um aspecto apparente, não a mostrar ao publico um spectaculo de pompa, com vestes alheias, mas sim a melhorar os estudos e a colloca-los na escala ordinaria de todas as escolas de artes: não pretendemos accusar o director, pela intima convicção que temos de que elle faz o que pôde: a sua modestia o leva a confessar sua fraqueza; e não podemos deixar de admirar como um homem educado para a pharmacia, e que meia vida se occupou de misteres alheios as artes, tenha, sem ter tido escola, chegado ao ponto em que está!

Este anno não foi assellado com algumas das usuaes transformações locaes, que se usão no estabelecimento: as estatuas repousarão nos seus pedestaes: dias propicios e placidos despontarão; rios de leite e mel manarão do horizonte do futuro; a liberdade de consciencia, a expontaneidade, os arrojos de um *instincto virginal* ali concorrem serenos e risonhos; amalgamão-se as sympathias, homogeneão-se os sentimentos, e o mais puro e acrysolado patriotismo se dilata para a redempção das artes.

Mas todo este estado de beatificação, toda esta perfeição moral ainda se não completou: restão dous individuos, cuja consciencia ainda não adquirio aquelle sublime toque de elasticidade, aquella obediencia passiva, tão necessaria ao triumpho de uma santa causa. Em breve, segundo as esperanças das almas immaculadas, uma atmosphera limpida raiará sobre o Palacio das Artes, em cujo cimo se enthronisa a estrige sobre uma serpe enroscada, que lhe serve de ninho, e que é tambem o simbolo da pharmacia, da prudencia e da immortalidade.

O immutavel e monotono ripenso exposicional abre as suas numericas paginas com as mesmas palavras sacramentaes, com a mesma gravidade que nos annos anteriores : pernas, cabeças, troncos, braços e fragmentos ali se achão consignados, e precedidos pela riquissima collecção numismatica, que encantoara a modestia.

A musica marcial, as classicas folhas de mangueira, com um discurso planissimo, dictado pela esquadria e pelo compaço do mysterio, e recitado com o accento da convicção, abrem a scena annual da mesma forma que se fecha com as memorandas palavras de : *Senhores premiadòs, &c.*

Entremos pela esquerda. Na primeira sala o que fere á vista é o pincel do Sr. Krumholtz: os retratos de S. M. o Imperador, e o de S. M. a Imperatriz, circulada de Seus Augustos Filhos.

Incontestavelmente é este retrato do nosso soberano o melhor que se tem feito : desenho, colorido, força, e sobre tudo o caracter phisionomico formão um conjunto admiravel : está proprio, está vivo, como uma obra de mestre.

Ha na expressão phisionomica de S. M. a Imperatriz um bem estar, como a virtuosa mãe deve sempre no meio de seus queridos filhos ; que inefavel bondade, que sympathico olhar, e que magestade não resumbra aquella tella, onde se figurão as imagens daquelles que hão de fazer nossas delicias.

A Academia deve muitos agradecimentos ao Sr. Krumholtz em consentir expor aquele quadro, mormente imperfeito nos accessorios, e ainda falho daquelles ultimos toques que espalhão nos painéis a luz do sol, e a magia de um effeito poetic. *Opus caribus.*

O Sr. Krumholtz é actualmente o pintor que mais sabe repassar na ponta do pincel todo o sentimento phisiognomico que possue, e de dar aos seus painéis uma variedade de aspecto, o que o livra de todos os resabios de amaneirado.

O Sr. Moreaux fez progresso salientes : as obras do Sr. Krumholtz tem visivelmente influido na sua maneira de pintar ; porém ainda lhe resta o senão radical de não ser um perfeito phisionomista. Igualmente subio de merito o Sr. Chevrel : o retrato da senhora Martini está semelhante, e a cabeça é de uma execução admiravel. São igualmente bellos os tres sujeitos figurando o interior de um gabinete de pintor, e os dous quadrinhos que representão a partida e a volta : ha luz, ha graça e movimento nas composições, e uma facilidade de execução que muito seduz.

As duas vistas da cidade, devidas ao pincel do Sr. Buvelot conservão o cunho do seu talento : effeitos oppostos na hora, forão magistralmente executados ; e dão uma idéa distincta da harmonia do céo do Rio de Janeiro, e da sua variedade nas differentes phases do dia.

Ao Sr. Borely devemos a introducção, em vasta escala, do trabalho a pastel : entre todas as suas obras, aquella que mais realça é o retrato do Sr. Reitor do Collegio de Pedro II : correctissimo está o desenho, e a phisionomia propria.

Varias producções adornão esta sala, que, gosando de um privilegio secundario, é desta vez a mais nobre pelos objectos que encerra.

A aula de architectura foi mais abundante em repetições este anno que nos trans-

sactos: ha comtudo algumas copias sofrivelmente feitas: desejariamos mais, que os discipulos fizessem os seus trabalhos em ponto maior.

As restaurações que o libreto do palacio annuncia e repete annualmente, estão feitas de uma maneira quasi arbitaria, e longe das tradições archeologicas: o prospecto do portico do Pantheon de Agrippa, e a fachada dos propyleos do Acropolis atheniense, não estão nem conformes com o que se sabe de Roma, nem com o que Pansanias descreveu; e nem mesmo de acordo com os fragmentos e restaurações dos modernos archeologos: não deve uma academia se aventurar a semelhantes perigos, escrevendo documentos que comprovão ou sua ligeireza, ou os seus fracos conhecimentos em matérias da antiguidade.

Por calculado raciocinio, ficou nua a sala maior da Academia, onde se veem alguns quadros velhos, uns retratos do Sr. Stalone, Corelli, do Sr. Moreaux moço, um lindo painel de flores do Sr. Garvalho, e um grande retrato de S. M. o Imperador, feito pelo lente de pintura.

Como semelhança é uma calamidade; como colorido é uma pagina infeliz, e como desenho e composição é outra calamidade; um rosto enrubecido e sem a expressão do imperial modelo; uns braços que cahem sobre o peso de umas mãos enormes; e umas pernas que pesão e que até não se apoião sobre o terreno: não está proprio.

A tez de S. M. é tão delicada, e de um colorido tão bello, que pôde ser invejada pelas mais bellas moças da capital; as suas mãos são um typo de perfeição: elles ahianão modeladas do natural e fundidas tal e qual em bronze e ouro, e como se pôde ver todos os dias no Museu Nacional, e a que está no Sceptro da Justiça.

O todo do painel é triste; é imitado do do Sr. Taunay, que em matéria de colorido não é um Ticiano. A maneira actual de pintar do Sr. Lima é a mesmíssima do seu novo mestre: ha vellhos em tudo, incerteza nos contornos, débilidade no claro escuro, e tristeza na harmonia: não valia a pena ao Sr. Lima de viajar á Italia para vir imitar um tal mestre, que fóra dos seus conhecimentos litterarios, não pôde em bellas artes ter outros além dos de alguma leitura, ou de ter ouvido aqui alguém; pois todos sabem que não teve outra escola em Paris, além da de pharmacia; os talentos e aptidões paternas não passão aos filhos; a humanidade conta poucos factos como o da familia dos Vernets, onde avô, pai e filho forão tres grandes pintores; o nosso caso não admite questão. Se o Sr. Lima trabalhasse só, e livremente, o seu quadro havia de ser muito melhor em tudo.

Nós não desejamos mal á Academia; o que fazemos é justiça, para que ella não zombe tão abertamente do paiz; e para que um dia, quando se escrever a historia desse palacio, não venha um homem dizer: naquelle tempo, quando as artes erão opprimidas por quatro estrangeiros, tendo a sua testa um homem mediocre, uma só voz nacional não se levantou para protestar contra semelhantes abusos.

Em que estado se acha hoje a Academia das Bellas Artes? Coitada!

A aula de desenho (não se precisa ser aguia), está n'uma decadencia acima de toda a expectação: eis o fructo dos empenhos, eis o fructo dessa celebre transacção, eis o resultado de um egoismo inqualificavel, para o qual abertamente não concorremos, e que, por te-lo, combatido fomos aviltado em plena congregação no anno de

1840, e no meio dos estrondosos apoiados do virtuosissimo monsieur Zesferino Ferrez.

A Academia está lançada no plano inclinado, e não será o braço que a rojou, que poderá suspendê-la; tudo ali é illusão; vamos a um facto:

M.<sup>r</sup> Paliere, neto de Mr. Grandjean, e moço que havia completado os seus estudos academicos em Paris, chega a esta capital, e é convidado, ou obrigado por seu avô, a matricular-se (contra os estatutos) no fim do anno escolar, debaixo da direcção de um mestre que lhe é inferior, e a fazer algumas cópias para receber uma medalha escolastica, que lhe dê direito a concorrer ao lugar de substituto de desenho: illude-se a lei para se entrar na protecção da mesma lei: é maxima jesuitica.

Recommenda-se a este artista que pinte mal, e que não mostre toda a valentia do seu talento!! Os alumnos, que tem bom faro, se irritão, e não querem concorrer; mas veio a santa paz e com ella as ameaças, cederão para serem vencidos.

Não entra no concurso para a cadeira de substituto de desenho o Sr. Paliere, e apparece agora concorrente para o premio das viagens! Dizião porque era estrangeiro!

Aberta a porta a semelhante abuso, teremos daqui em diante de ver qualquer artista estrangeiro, que quizer voltar para a Europa, e viajar á custa do governo brasileiro, ir matricular-se em uma das aulas da Academia, fazer ahi algumas copias e passar tres annos muito agradaveis, tendo usurpado o direito que compete aos filhos da casa, que ali tem gasto o seu tempo, as suas esperanças, e o dinheiro de seus pais!

O Sr. Paliere é verdade que é Brasileiro de nascimento, mas Francez porque assim o quiz, ou porque sua familia o era; se no primeiro caso era estrangeiro, porque o não é no segundo? E quando mesmo se haja rehabilitado Brasileiro, é moral e corrente o proceder da Academia, de admittir a um artista educado na escola de M.<sup>r</sup> Picot e na Academia de Pariz, que completou seus estudos, a concorrer com uns moços que hontem começárão, e que nem ainda com mais seis annos de trabalho o poderão igualar? E para que essa recommendação que se lhe fez de não mostrar o que sabe?!!!

Não; o governo do meu paiz não ha de consentir nesta indigna trapaça, só propria daquelles voluntarios senhores que ali fazem o que querem, e que para tudo achão recursos no fertilissimo engenho de Mr. Taunay, que tudo fará para arranjar este neto da Academia.

Seria um caso curioso, se, por alguma eventualidade, alguns dos nossos mais habéis artistas, desejando voltar á Europa, se fossem matricular no palacio das Bellas Artes, e ahi estudar debaixo da direcção de alguma de suas notabilidades, para concorrerem com os pobres dos estudantes, e lhes tirar o direito que têm á generosidade e protecção do nosso governo! Seria singular e novo ver o Sr. Petrich a tomar licções dos Srs. Ferrez; os Srs. Krumholz, Barandier, Moreaux e outros, debaixo das vistas do lente de pintura; assim como o Sr. Buvelot a estudar essas paginas resplendentes de luz e de harmonia, que tão vivamente ratratão a Mão d'Agua, e nossas gigantescas florestas.

Cada passo que se dá na historia da Academia das Bellas Artes, se encontrão phenomenos capazes de embaraçar a mais aguda intelligencia ; ha mesmo alguns factos que parecem revelar outros, que não são filhos do puro acaso !

Todos os concursos para a viagem da Italia são de sujeitos que chorão : 1.º David chorando Absalão ; 2.º Aristeo chorando as suas abelhas ; 3.º Xenophonte chorando ; 4.º O lavrador da Thessalia ainda chorando ; e 5.º finalmente, Sertorio com as lagrimas nos dous olhos, quando devia ser em um só ! E porque chora tanta gente annualmente, quando aquelle palacio se acha quasi desassombrado e livre do mão e estranho espirito que tanto funestara seus muros e concorria para turvar a placidez de consciencias seraficas, e de genios beneficos , cuja missão é a do mais acrysolado patriotismo ! Serão lagrimas de Crocodillo ?

Os dias nefastos já lá vão ; já rolarão nos ábysmos do passado, e não pôde haver outro motivo de pranto a não ser o de um terror precauto pelo apparecimento da verdade nua e crua. Pobre Academia, e pobre mocidade, atada ao libambo que governa o capricho, e aos dogmas imperiosos de uma colossal mediocridade !

A aula do Nu como vai ? Onde se vio um só professor, e este escultor, ensinar o desenho ? ! Porque o lente de pintura não preside ao acto semanal, como é do seu dever, e não vai ensinar a modelar a musculação, a accentual-a conforme o movimento do modelo, e a precisar as formas segundo os preceitos da esthetica ? Porque ? Porque o Sr. Taunay disse a alguém que para ser lente da Academia não bastava o talento, mas sim outras circunstancias !...

Hoje que, graças á Providencia Divina, e á S. M. o Imperador, já não pertencemos áquelle Pantheon, circulado de um muro monumental, e que de nós não pôde dizer o Sr. Taunay com voz chorosa, que desejamos à directoria do estabelecimento, e que o guerreavamos por isso, podemos fallar claro e fazer algum serviço ás artes, e esclarecer o governo imperial, publicando as gentilezas de um santo varão digno da penna de Moliere e de Goldini.

Se nos chamarem a terreno, buscaremos então um campo mais vasto, para nélle demonstrar com factos aquillo que esfloramos apenas.

Os Srs. Moreaux, Honorato e Barandier parecem se ausentar da exposição ; o Sr. Buvelot não queria mandar as suas obras, assim como o Sr. Krumholtz ; o Sr. Muller não apareceu, e apenas vierão os receimchegados, e porque ? Porque o director assim o quer ; porque para encher os muros e ourar os olhos do publico e do governo no fim do anno, lhe é necessario sofrer a recompensa que poucos homens sofrerão ; o Sr. Taunay é um homem admiravel.

O governo imperial deve olhar seriamente para a Academia das Bellas Artes, deve mandar examina-la, principalmente no methodo de ensino, que de dia em dia se vai abastardando, conforme a capacidade , ou vontade do professor : a Academia é uma verdadeira illusão como se acha actualmente ; seria muito mais proficuo ao governo imperial mandar á Europa os substitutos estudar do que esses pobres moços por trez annos, que é curtissimo o tempo para a viagem e para aprenderem a lingua : a França, e mais é a França, manda os seus premiados por seis annos, que

quando vão para a Italia já tem todos os seus estudos feitos, e alguns já passão por mestres.

É muito mais util mandar-se menos gente por mais tempo, do que, annualmente, um moço, que apenas recebeu, e esses mal, os primeiros rudimentos de uma arte, e que tenta de começar de novo: o estudo do nú, mesmo em Pariz, e como lá se costuma fazer, é de cinco a seis annos, não fallando nos estudos que se fazem na Academia, no Museu, e em escolas, ou academias particulares, que occupão regularmente oito horas por dia.

Não ha utilidade alguma para as artes e para o ensino com a abertura da rua Leopoldina ao Rocio: é melhor que esse dinheiro seja empregado na construcção de uma boa sala no terreno que está junto da Academia, cuja sala illuminada convenientemente possa servir para a aula e do nú, durante o anno, e para a exposição publica: não ha outra necessidade para este estudo do que uma boa luz e espaço para o trabalho: a sala, hoje secretaria, que M.<sup>r</sup> Grandjean construiu para este efeito, prova de alguma maneira sua impericia, porque foi colocar o modelo debaixo de uma arcada, e n'uma posição a receber o forte da luz nos membros inferiores, que é inteiramente o contrario do que se exige para este estudo.

A Academia pôde fazer ainda grandes serviços á industria do paiz, e ser um estabelecimento de utilidade immediata, e não um sonho, uma aspiração a esses estabelecimentos europeos, que queremos macaquear, que estamos ainda muito longe de alcançar, e para os quaes não temos homens.

Em vez de mais uma cadeira de historia, como se pede, haja uma cadeira onde se ensine elementos de geometria, noções de geometria descriptiva, a perspectiva e elementos de mechanica; crie-se uma aula de desenho e de escultura de ornatos, aonde venhão estudar todos os aprendizes, e mesmo os artifícies da cidade: as artes do ourives, do marcineiro, e do pedreiro ahí ganharão muito: a uma igual escola se deve os grandes progressos da industria lombarda; e a iguaes creações se deve essa elegancia e gosto dos productos industriaes do norte da Europa, que entrão actualmente em concurrenceia com os da França.

A cadeira de historia, que tanto pede M.<sup>r</sup> Taunay, para o que é? E' da historia universal, ou da historia antiga sómente, ou da historia das artes, e conjunctamente com algumas noções de esthetica, e suas demonstrações? Quem está apto a fazer aqui semelhante curso, e a fazê-lo com todas as generalidades precisas, a ponto de se tornar comprehensivel a moços com pouca educação litteraria, e alguns com nenhuma? toda essa cadeira philosophica do pensamento das eras, se materializando debaixo de céos diferentes e de fórmas tambem diferentes, segundo as idéas que tinhão de representar? não se faz como o mais. Só se fôr M.<sup>r</sup> Taunay, que sem ter visto nada, sem haver estudado as escolas se aventura a fallar dos mestres d'arte, e a dizer as maravilhas criticas que correm por ahí na boca dos artistas! É ainda outra maneira de enganar o governo imperial: ou então o Sr. Tannay é mais ignorante do que o julgamos.

Deixemo-nos de novas ruas e de historias. Com os quarenta contos, que se pede ao governo, se pôde fazer uma boa sala para as exposições, e para o estudo do nú,

que a que lá está não presta ; ou então um amphitheatro para o estudo do nú, á noite, como ha em todas as partes; com o ordenado do lente de historia se pague a um professor de desenho de ornatos architectonicos, que ensine até nos dominigos aos artifices ; ensine-se, antes da historia, a desenhar ossos e musculos na aula de anatomia ; ensina-se a perspectiva, a optica, e a projecção das sombras ; ensine-se o que é necessario ; ensine-se a desenhar, que é uma vergonha o que se está fazendo actualmente ; e inspire-se no animo da mocidade o entusiasmo pelas artes, e a esperança de um premio justiceiro : de uma casa, onde o porteiro é a primeira personagem, onde se dão parabens antes dos concursos, e se fazem promessas, como as que sabemos, não há nada a esperar. Por não pertencermos mais á escola de Bellas Artes, não abdicamos dos nossos direitos de cidadão brasileiro, nem do nosso dever de fallar a verdade, e esclarecer o governo imperial n'aquillo, que podemos : temos bons desejos, e cremos que não ha alma no mundo, a não ser a do Sr. Taunay, que ouse comparar o nosso patriotismo, o nosso amor pelo Brasil, com o de qualquer especulador, que, porque não pode estar na bella França desfructando o que ha lá de bom e de agradavel, está aqui : todas as astacias das Masonas das Artes ficão baldadas para com nosco : doze annos de dura experienzia nos bastaráo. A Academia está em decadencia,

## PORTO-ALEGRE,

P. S. Por considerações as mais respeitaveis, tinhamos supprimido este artigo sobre a exposição publica, que fora escripto com profunda convicção, e com o desejo de sermos util ao publico e à nosso governo ; mas agora que a Academia das Bellas Artes acaba de escolher o neto de M.<sup>r</sup> Grandjean, para ir viajar á custa do governo brasileiro, não devemos omitti-lo , tanto mais que um estabelecimento do governo que obra tão despejadamente, não é digno de ser tratado de outra sorte. Taes actos, que revelão os principios de equidade, que abundão n'aquelle casa, e os que se seguirão ainda, justificão a nossa saída de um estabelecimento governado e dirigido por um estrangeiro, que quer parecer o que não é, e que nunca poderá merecer consideração dos espiritos rectos.

A nomeação do Sr. Paliere, e os manejos que para sua realização se executárao, provão o que é o Sr. Taunay e seus obedientes servos.